

1990

66

Dicionário indígena ainda aguarda um patrocinador

■ Estudo salva língua Iatê do desaparecimento

Ayrton Maciel

O mais completo dicionário de língua indígena do Brasil está à espera de uma editora e de um patrocinador. Preparado durante 13 anos por um índio da tribo Fulni-ô, originária da região de Águas Belas, no Agreste Meridional de Pernambuco, o dicionário é o primeiro sobre a língua Iatê, no Brasil, falada pelos fulni-ô. A autoria da obra — normalmente consagrada a indigenistas e antropólogos — pertence ao índio fulni-ô Luixi ou Aluísio Caetano de Sá, barbeiro por profissão, que anda atrás de uma instituição cultural, histórica ou educacional que se disponha a publicar a transcrição escrita da língua de um povo que, em último caso, significará a preservação de um dos símbolos de uma raça fadada ao desaparecimento.

O dicionário Iatê é considerado o mais completo dos dicionários indígenas no Brasil — segundo Luixi — por cada verbete contar com transcrição fonética, etimologia, tradução para o Português com sinônimos e exemplos de aplicação, ao contrário de outras obras, como o dicionário Xavante, que está limitado à palavra e à tradução. O índio Aluísio Caetano de Sá recebeu, há quatro meses, convite da Universidade de Brasília (UnB) para cessão



Aluísio: uma luta de 13 anos

do trabalho, dispondo-se a instituir a financiar a sua impressão. "A UnB pediu um orçamento, o que foi feito pela Cepe (Companhia Editora de Pernambuco, estatal). Eu mandei a proposta, mas eles não me responderam", revela o fulni-ô.

Valor histórico — O dicionário Iatê possui 3.700 verbetes, sendo que 3.300 estão organizados e datilografados em 230 páginas, restando 400 outras palavras da língua

serem datilografadas. O contato com a Universidade de Brasília foi intermediado pela funcionária do MEC (cedida pela Secretaria da Educação estadual) e assessora da UnB, Roseli Maria Lacerda. Na época, a Cepe cobrou por 368 páginas (incluindo capas), no formato 16 por 23, com impressão em off set, o preço de CR\$ 376, 12 por unidade. Seriam rodados três mil exemplares no valor total de CR\$ 1,1 milhão. "É um trabalho para escolas e universidades, e para quem quer aprender o Iatê. A UnB disse que ficaria com uma parte e distribuiria a outra às bibliotecas do País", adianta Caetano.

Nem mesmo a divulgação do trabalho, tornado público em matérias produzidas por jornais locais, despertou a atenção dos organismos promotores e difusores da cultura e da história no Estado. O único interesse foi despertado pela UnB, que a partir de então não mais se manifestou sobre a sua impressão em livro. O esquecimento não aflige, porém, o índio Luixi, 50 anos, que continua a exercer a profissão que abraçou aos 11 anos, numa barbearia no Centro do Recife. "Vim para cá em janeiro de 1960, porque queria estudar. Tenho dez irmãos e oito continuam na tribo. Um mora aqui", relata. No Recife, concluiu o 2º Grau e há dez anos passou no Vestibular para Engenharia Elétrica da UFPE, mas não se classificou para as vagas existentes. Com a conclusão do dicionário, a idéia é retomar as aulas no Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste.

Lideranças são contra a publicação

As lideranças indígenas fulni-ô são contra a publicação do dicionário da Língua Yathê (Iatê), porque consideram o dialeto como fundamental para a sobrevivência de sua cultura. Os fulni-ô temem que os brancos dominem a sua língua. A revelação é feita pelo administrador Regional da Funai, Petrônio Machado, e a chefe do Serviço de Educação da Funai (Fundação Nacional do Índio), Estela Parnes, que afirmam estar o índio fulni-ô Aluísio Caetano de Sá (Luixi) preparando o dicionário Iatê contra a vontade de seu povo.

"Os fulni-ô são o único grupo indígena, do Ceará ao sul da Bahia, que preservou o seu dialeto", afirma Machado, que identifica semelhança cultural entre os fulni-ôs e os Kariri-Xocó, habitantes da margem do São Fran-

cisco, em Alagoas. Possivelmente por pertencerem ao mesmo tronco de origem. Os Kariri-Xocó são os únicos que têm permissão dos fulni-ô para participar do principal ritual da tribo, o Ouricuri. "A língua faz parte do ritual. Deve haver muitas palavras que não sairão no dicionário", acredita a chefe do Serviço de Educação da Funai, Estela Parnes.

Os dirigentes da Fundação destacam que os fulni-ô utilizaram o dialeto como instrumento de defesa, preservação e resistência ao domínio dos brancos. "Eles somente resistem há 500 anos por causa da língua", diz Estela. Apesar de falarem, também, o Português, os fulni-ôs preservam o Iatê na sua cultura, como no período dedicado ao Ouricuri. O ritual acontece uma

vez por ano durante três meses (setembro, outubro e novembro). "Eles se mudam para uma aldeia exclusiva para o ritual. Os brancos apenas são aceitos como convidados para a abertura do Ouricuri", relata Estela Parnes, que acredita ser o ritual o responsável pela preservação da língua fulni-ô. "O índio Aluísio Caetano de Sá está há muito tempo fora da aldeia fulni-ô e converteu-se ao Protestantismo", critica Petrônio Machado a publicação do dicionário.

Os fulni-ôs são também conhecidos como Carnijó ou Carijó e vivem em sistema de aldeamento, numa área de 11,5 mil hectares, no município de Águas Belas. A população atual é de 2.800 índios e vive do artesanato de palha, comercializado nas feiras livres da Região, e da agricultura de subsistência.